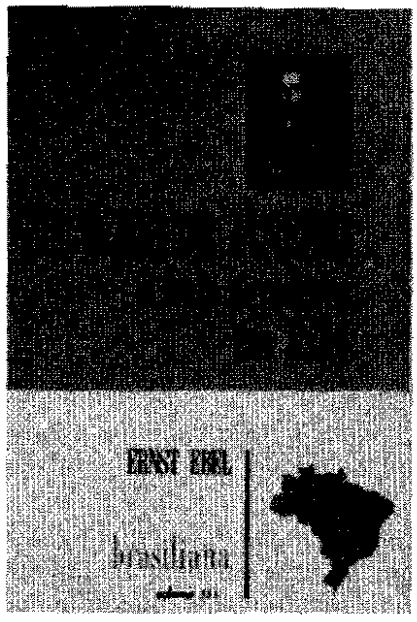
felicidade deixada no passado." (Ambrose Bierce)

Portanto, recomendamos o livro para uma tarde chuvosa em casa, pois em umas quatro horas pode-se terminá-lo e se uns 10 aforismos ficarem na memória, o leitor, como administrador, não aprendeu muito, ou mesmo nada, mas como orador ou como companheiro de conversas poderá dar a palavra exata no momento certo, o que lhe parecerá ter adquirido certo brilhantismo — e afinal é isso o que mais desejamos; ou como diz o autor: "As coisas são mais facilmente faladas do que feitas, a não ser que você gagueje." (R. Lewton) □

Kurt Ernst Weil

O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824

Por Ernest Ebel. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.



A abertura dos portos, em 1808, permitiu que grande número de estrangeiros viessem para o Brasil, a fim de comerciar, difundir as culturas dos seus respectivos países, organizar expedições científicas e tomar conhecimento da nossa sociedade, fauna, flora, potamografia e outros formas de riqueza natural. Daí, por exemplo, a vinda da Missão Francesa e Debret, da expedição de Spix e Martius, de Saint-Hilaire e dos comerciantes Luccok e Koster. Ernest Ebel foi um desses comerciantes que vieram ao Rio de Janeiro, tanto para conhecer a realidade brasileira como para fazer propaganda de produtos russos, pois o autor, apesar de falar o alemão, é da Letônia, Estado incorporado à Rússia naquele momento.

Ernest Ebel morou no Rio de Janeiro, na época da fundação do Império. Ele revela-nos observações interessantíssimas a respeito da cidade e dos seu arrabaldes. Seu valor é maior porque retrata a vida e a mentalidade da época, além de nos informar sobre uma série de questões pertinentes ao momento em que vive.

O livro de Ebel é rico em informações sobre a vida urbana do Rio de Janeiro e os costumes agrários da região. A respeito da primeira parte, podemos selecionar alguns tópicos: quando trata do problema da moradia, o autor mostra suas condições precárias, acreditando mesmo que a tais alojamentos faltem as comodidades usuais e apenas uma pessoa possa morar neles confortavelmente. Da mesma forma, descreve as condições das estalagens, julgando-as, em geral, péssimas. O mesmo faz em relação às obras públicas: "o Imperador por mais que se empenhe, não consegue corrigir a incompetência e a cupidez de seus subordinados" (p. 89). Aliás, Ebel dá-nos um retrato bastante lisonjeiro da figura do Imperador, acreditando-o homem de grande energia e coragem, que governava o País com poderes ilimitados. No entanto, o que nos diz do povo não é nada enaltecedor, chegando mesmo a responsabilizar a mentalidade popular pelo atraso da melhoria do País. Voltando ao problema da cidade, o autor registra a situação precária das farmácias e até mesmo do teatro; surpreende-nos, no entanto, elogiando a situação da prisão da cidade, afirmando que nela reina muita ordem e são bem arejadas, a despeito do grande número de presos. Elogia também o Passeio Público, julgando-o um parque aprazível, embora de reduzidas dimensões, mas que "é atravessado por belas alamedas sombreadas de tamarindos, cajueiros, goiabeiras e mangueiras" (p. 85).

Ao lado disso, acrescenta descrições panorâmicas da paisagem que se descortina dos principais pontos altos da cidade por ele visitados. Dentre estes cita: o Mosteiro de São Bento, que domina a parte norte, oferecendo bela perspectiva sobre o fundo da baía e a ilha das Cobras; o morro de Santo Antônio, que nos deixa observar belas hortas; o Convento de Santa Teresa, de cujas janelas goza-se de belo panorama, incluindo parte da baía e quase toda a cidade; o morro do Castelo, em cujo forte encontra-se o telégrafo semafórico que se corresponde com o Cabo Frio, por meio de postos ao longo do litoral. Por fim, cita a Igreja de São Sebastião, de onde diz que se avista "o mais completo panorama da cidade, que com seus telhados sujos, poucos edifícios e praças dignos de nota e as torres baixas de suas igrejas, está longe de ser bonita" (p. 123).

Ainda com relação ao aspecto urbano, conta-nos a respeito da pobreza da vida intelectual e cultural da cidade, observando que, de importante na vida social comum, só aconteciam mesmo os exercícios religiosos que todo o povo acompanhava, tendo tido ele oportunidade de observar os festejos relativos à Páscoa, classificando a procissão de pantomímica, musical e religiosa.

Não se restringindo, porém, à vida e paisagem urbana, escreve a respeito das fazendas que visitara, pormenorizando de que maneira são feitas as plantações, principalmente a de café. Este ponto parece-nos de grande importância, pois retrata fielmente as técnicas utilizadas na época, descrevendo inclusive a melhor plantação de café dos arredores do Rio de Janeiro, ou seja, a da fazenda de Van Mook, que, conforme testemunho do autor, era holandês de nascimento e havia-se estabelecido aqui seis anos antes, em espaçoso e excelente terreno, onde já havia plantado mais de 100 mil cafeeiros que continuavam a expandir-se. Diz-nos Ebel: "os cafeeiros apresentam-se nas melhores condições, plantados a oito pés uns dos outros, sempre podados à altura de seis pés, isto não só para facilitar a colheita como para robustecer a planta, havendo por vezes que cortar igualmente os ramos mais esgalhados. Já no terceiro ano começa o cafeeiro a produzir, no quinto está em plena maturidade, podendo-se calcular que cada pé renda em média uma libra; duas, três e quatro são exceções que só ocorrem na vizinhança de alguma esterqueira ou devidamente adubados. Quando bem tratado, um cafeeiro pode viver e produzir até trinta anos" (p. 173). Seguem-se esclarecimentos sobre as colheitas que ocorrem duas vezes por ano, além de informações sobre o tratamento dispensado ao café em grão, chegando até mesmo a descrever o moinho com suas engrenagens pelo qual passa o café após a secagem. (Devido ao clima dos arredores do Rio de Janeiro, a maturação do café é feita desigualmente.)

O autor não se cansa também de tecer elogios à fertilidade da terra, afirmando que "mudas de laranjeiras viram árvores copadas em cinco anos e carregam-se de frutos: sob sua sombra pode-se estar de pé" (p. 87). Além disso, elogia o clima local, classificando-o de paradisíaco, pois devido a ele não há necessidade de grandes desvelos pelas árvores.

Ainda retratando a vida campestre, é de se salientar os relatos que Ebel faz a respeito das plantações de café nas terras da Mandioca, propriedade do barão de Langsdorff, onde se incluem também comentários a respeito dos colonos. Estes são sustentados por tal senhor durante os três primeiros anos, devendo em compensação trabalhar uma parte do tempo na fazenda, sem receber qualquer pecúnia e outra parte em seu próprio lote, que lhe é cedido sob condições, ou seja, pagamento de uma taxa territorial ou a dízima do respectivo rendimento. Após três anos, o lote pertence-lhe totalmente e a obrigação entre ambos caduca.

Parece-nos que Ebel cita Langsdorff devido à sua percepção do problema da substituição da mão-de-obra escrava pela imigrante na grande lavoura, o que envolverá realmente uma verdadeira revolução nos métodos de trabalho vigentes no País, visto o trabalho ser executado na maior parte das vezes, até então, pelo negro africano, de quem o autor tem a pior das impresões: cheio de vícios e defeitos que precisam ser corrigidos pelo branco, em geral seu benévolo dono.

O regime de trabalho utilizado por Langsdorff, "de parceria", como será chamado mais tarde, ao menos aparentemente garante uma liberdade até certo ponto ampla ao empregado e reduz ao mínimo os possíveis conflitos de tradições, costumes e convenções entre patrões e empregados, o que não era impossível de acontecer quando os colonos eram trazidos para se empregarem na grande lavoura, sem esperanças ou garantias de conseguirem para si pequenas propriedades. Este ponto é também mencionado por Ebel, quando relata a chegada de 500 colonos alemães, contratados pelo Imperador, que se negaram veementemente a submeter-se à mesma sorte de seus antecessores, enviados a ocupar terras de qua-

lidade inferior, e, devido a isto, muitos sucumbiram de miséria. Afirma então que seria uma injustiça se o Governo não desse aos imigrantes um mínimo de ajuda para que pudessem trabalhar com bons tratos e sem maiores sacrifícios.

Selecionamos o que de mais expressivo encontramos na obra de Ernest Ebel, tanto no que se refere à vida do brasileiro mediano, menosprezado pela historiografia, como à vida dos grandes proprietários territoriais dos arredores do Rio de Janeiro.

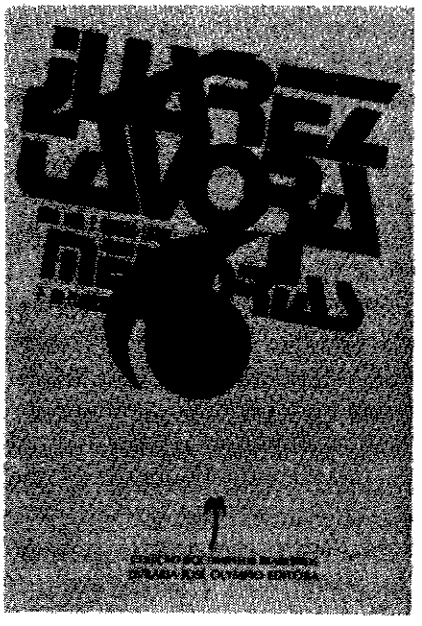
Seu livro não pode ser considerado uma obra pioneira, visto outros viajantes terem-se antecipado a ele, mas pode (e deve inclusive) ser considerado uma obra importante, na medida em que complementa apreciações já conhecidas: o reboliço das ruas, a contemplação da beleza natural da região e a vida campestre, tal qual esta apresentava-se no momento. Julgamos, aliás, ser este o ponto mais importante da sua obra, pois ele nos deixa um verdadeiro testemunho esclarecedor do estágio de desenvolvimento das técnicas agrícolas brasileiras da época, além de mostrar-se bastante interessado no que se refere ao problema da proteção à imigração, que preocupará mais tarde o Governo brasileiro.

A obra, divulgada pela Brasiliana, no ano do sesquicentenário da Independência, ilustrada com 30 gravuras de artistas contemporâneos, constitui-se, enfim, numa contribuição fundamental à historiografia contemporânea, por representar um dos mais vivos retratos da época. □

Daisy V. B. Martinez

Uma vida e muitas lutas

Por Juarez Távora. Rio, José Olympio, 1973. 366 p. il. (Coleção Documentos Brasileiros, n. 156).



Num momento de entusiasmo pelo tenentismo, perguntei a um amigo o que achava das figuras de alguns revolucionários: a sua resposta decepcionou-me, pois o seu contacto com vários deles havia-lhe mostrado que a maioria não tinha evoluído e que suas idéias eram, em geral, obtusas e confusas. Na época, a opinião pareceu-me insatisfatória, mas posteriormente dei-lhe razão.

Na década de 1920, o tenentismo representa um impacto de revolta e de violência contra as formas de domínio, num momento em que as opções legais mostram-se improfícuas. É devido ao seu papel de "parteira da história" que se dá a revolução de 1930 e as conseqüentes mudanças de poder político e de classes. No entanto, a história mostra-nos inúmeros exemplos de transformações revolucionárias — e a tenentista inclui-se no caso — em que seus dirigentes são mais pragmáticos e não têm nítida consciência ideológica de seu papel.

O livro de Juarez Távora comprova essa tendência, e podemos ver confirmada a falta de paralelismo entre ação e ideologia, pois, segundo ele, antes de 18 de janeiro de 1922, quando é transferido para o Realengo (Rio), "se incluem os dois únicos anos despreocupados da minha mocidade — 1920, gozado no Rio e em Curitiba, e 1921, passado no Ceará e em Itajubá" (p. 115). Antes, só uma vez o autor aborda tema político, quando fala da candidatura do tio Belisário, no Ceará (1918), ocasião em que "tive oportunidade, pela primeira vez, de observar, de perto, as mazelas do sistema eleitoral então vigente" (p. 92). Só quando passa a morar no Rio é que suas reações vão-se ligar diretamente aos acontecimentos do Clube Militar é à revolução de 1922.

A obra é dividida em quatro partes distintas: a primeira chama-se Caminhando na planície (1898-1992) e abrange sua infância, estudos e início de sua carreira militar; Na escalada da encosta (1922-30) completa o primeiro volume e relata suas peripécias militares. O segundo volume compor-se-á de Altiplano, que vai de 1930 à morte de Getulio Vargas (agosto de 1954) e de uma última parte, Descendo a contra-encosta, que vai de 1954 ao fim do governo de Castelo Branco.

Em Caminhando na planície sobressaem as partes relativas à família e à vida militar. Apesar de ambas não contribuírem mais profundamente para o conhecimento destas realidades, as observações do autor consolidam as informações existentes. É assim que os dados sobre a condição social familiar e da economia doméstica confirmam a precariedade econômica e de vi-